



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do Programa Territórios da Cidadania**

**Palácio do Planalto, 25 de fevereiro de 2008**

Excelentíssimo deputado federal Arlindo Chinaglia, presidente da  
Câmara dos Deputados,

Companheiros e companheiras ministros de Estado, Dilma Rousseff, da  
Casa Civil; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário, Reinhold  
Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Fernando Haddad, da  
Educação; Gilberto Gil, da Cultura; Luiz Marinho, da Previdência Social; Edison  
Lobão, de Minas e Energia; Paulo Bernardo – que foi embora – do  
Planejamento; Marina Silva, do Meio Ambiente; companheiro Geddel, que  
também teve que se retirar, da Integração Nacional; Luiz Dulci, da Secretaria-  
Geral da Presidência da República; José Múcio Monteiro, da Secretaria de  
Relações Institucionais; Roberto Mangabeira Unger, de Assuntos Estratégicos;  
e Edson Santos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade  
Racial, que na medida provisória estamos transformando em Ministério,

Senhora Tereza Souza, secretária especial interina de Políticas para as  
Mulheres,

Meu caro companheiro Altemir Gregolin, secretário especial de  
Aquicultura e Pesca,

Governadores de estados, Jackson Lago, do Maranhão; Teotônio Vilela  
Filho, de Alagoas; Ana Júlia Carepa, do Pará; Marcelo Déda, de Sergipe;  
Eduardo Braga, do Amazonas; Roberto Requião, do Paraná;

Nosso querido companheiro Binho Marques, o Cássio esqueceu o nome  
dele, do Acre. É para o pessoal saber que eu estou ali, mas eu estou atento,  
estou de olho.

Meu caro Marcelo Miranda, do Tocantins; e Waldez Góes, do Amapá.



Aliás, Waldez Góes, é importante, quem nunca foi lá, ir ao Amapá comer o peixe que ele faz, o tucunaré assado, Marina, que é único. Prometeu trazer um, para assar aqui, certamente não trouxe, mas fique certo que eu vou lhe cobrar.

Companheiros e companheiras deputados federais,

Companheiros e companheiras senadores,

Vice-governador Edmundo Pereira, da Bahia, Ademir Menezes, de Goiás; Wilson Martins, do Piauí,

Senhores membros do Corpo Diplomático,

Senhora Eliane Brasileiro, prefeita de General Sampaio,

Senhoras e senhores prefeitos,

Integrantes dos 60 colegiados territoriais, dos quais 33 estão presentes a esta cerimônia, e 27 que nos assistem direto, por transmissão da Radiobrás,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou com o nome de cada um dos 27 aqui.

Eu vi aquele poeta, Bily-bily(?)? Falaram Bily-bily. Seja Bily-bily ou Buly-Buly, o Arlindo certamente nunca tinha visto um poeta com tamanha dimensão de grandeza de, no ato, fazer os versos que ele fez. É por isso que nordestinos resistem ao tempo e a alguns maus governantes que passaram por este País. Sobrevivem.

Mas eu queria aproveitar que eles estão me vendo e lá, certamente, tem mais gente do que tem aqui, eu queria cumprimentar os companheiros da Bahia, do território Sisal, que foi apresentado aqui; de Sergipe, o território do Alto Sertão, que está lá na Nossa Senhora da Glória; de Alagoas, o território do Agreste, lá em Arapiraca; de Pernambuco, o território Agreste Meridional. Lá em Garanhuns, certamente, os meus parentes estão me vendo lá; da Paraíba, Borborema, está lá em Campina Grande, reunido, o território de Borborema; Rio Grande do Norte, o território de Açu-Mossoró, está lá em Mossoró, na Universidade Federal; o território de Itapipoca, no Ceará, está reunido lá em Itapipoca; território Entre Rios, Piauí, está lá em Teresina. Por isso é que o



Wellington não veio, porque ele mediu: “onde tem mais eleitor, é em Brasília ou aqui?” Ficou lá em Teresina. No Maranhão, o território de Cocais, lá na cidade de Caxias, está reunido; no Acre, o território Alto Acre Capixaba, lá em Epitaciolândia; no Amazonas, o território Manaus, em torno de Manaus, estão reunidos lá em Rio Preto da Eva, Centro Social Dom Pedro; no Amapá, o território do Sul, está reunido lá em Marzagão; no Pará, o território Baixo Amazonas, está reunido lá em Santarém; em Rondônia, o território Central está reunido em Ji-Paraná. Lá está chique, Hotel Plaza, estou vendo aqui. Roraima, território Sul, está reunido em Rorainópolis; Tocantins, o território Bico do Papagaio, está reunido em Augustinópolis; DF, território Águas Emendadas, está reunido aqui, em Luziânia; Goiás, o território Vale do Rio Vermelho está reunido na cidade de Goiás, Hotel Fazenda Cabeça de Couro; Mato Grosso, o território Portal da Amazônia, está reunido em Alta Floresta; Mato Grosso do Sul, território Grande Dourados, está reunido em Dourados, na sede da Embrapa; Minas Gerais, o território Médio Jequitinhonha, está reunido lá em Araçuaí; Espírito Santo, o território Norte está reunido em Nova Venécia; Rio de Janeiro, o território Norte está reunido em Campos de Goitacazes, lá no Cefet; São Paulo, o território Vale do Ribeira está reunido em Registro, São Paulo; no Paraná, o território Cantuquiriguaçu, está reunido em Laranjeiras do Sul; Santa Catarina, o território Chapecozinho está reunido em Xanxerê. Xanxerê, tem uma lembrança de 1982. A primeira propaganda na vida que fizeram de uma candidatura, em 1982, em Xanxerê, porque não tinha dinheiro, não tinha papel, pegaram palha de milho, daquelas do tamanho de fazer o cigarrinho de corda e fizeram a propaganda do candidato em papel de milho. Agora, o resultado é o seguinte: bonito para caramba mas, voto, não tivemos quase nenhum. Mas ficou a lição de uma campanha ecologicamente correta. E, por último, o Rio Grande do Sul, o território Zona Sul, está reunido na sede da Embrapa, na cidade de Pelotas. A todos vocês que estão nos acompanhando aqui, bom dia, e bom Territórios da Cidadania para vocês.



Companheiros e companheiras,

Eu acho que nós estamos vivendo um período, no Brasil, que nos permite criar coisas novas para aperfeiçoar coisas que tínhamos feito há alguns anos e, ao mesmo tempo, ir criando na cabeça da sociedade brasileira a idéia de que o Brasil, decididamente, está disposto a se transformar numa grande nação.

E tudo começou com a idéia do PAC. Eu vou repetir isso porque é sempre importante a gente martelar na consciência das pessoas as coisas, porque muitas vezes as pessoas vêem o prato feito e não se lembram quantas queimadas a pessoa que foi para o fogão teve, para fazer aquela comida. O PAC possibilitou que... Depois do PAC feito para o desenvolvimento, o PAC do crescimento econômico, da infra-estrutura, da urbanização de favelas, de saneamento básico, do Luz para Todos, o PAC foi construído em outras áreas dentre as quais essa, Territórios da Cidadania, porque aí todo mundo aprendeu a fazer PAC. Cada ministro apresentou um pacotinho do seu PAC, tem PAC para todo mundo se divertir até o final do mandato.

Mas esse Territórios da Cidadania, quando foi apresentado para nós, ainda no ano passado, eu me convenci – e fiz questão de dar os parabéns ao companheiro Guilherme e à equipe que trabalhou – quando eles apresentaram o Territórios da Cidadania, eu me convenci de que nós tínhamos conseguido elaborar o mais extraordinário programa de atendimento de políticas de oportunidades combinadas com políticas sociais que nós já tínhamos preparado no Brasil. Me convenci disso. E, sobretudo, porque a execução dele depende da construção das parcerias. Não é possível fazê-lo dar certo daqui de Brasília. O Bolsa Família, você consegue fazê-lo dar certo pela eficácia que o Ministério montou, nos acordos com a Caixa Econômica Federal, em que o presidente da República não sabe quem recebe. Mas este, as pessoas vão ter que estar de corpo e alma presentes, acompanhando, porque envolve dezenas de ministros e envolve ações desde fazer o registro civil de uma criança que



nasce – e no Brasil tem muitas que não são registradas – até você criar condições...

Eu estou vendo o Paulo Okamoto, do Sebrae. O Sebrae vai ter muito trabalho para ajudar a gente a fazer isso acontecer. Na verdade, esse é o grande programa que pode fazer com que muita gente que hoje recebe o Bolsa Família porque não tem outra possibilidade de renda, comece, através do Territórios da Cidadania, a encontrar não a porta de saída – porque quando as pessoas falam em porta de saída, a impressão que eu tenho é que tem gente com fobia para acabar logo o Bolsa Família. Eu não tenho pressa de acabar o Bolsa Família. O Bolsa Família vai acabar no dia em que a sociedade brasileira, junto com todos nós, conseguir construir as políticas de distribuição de renda para que o povo não precise mais dessa política do governo.

Então, tem gente que se incomoda. Eu fico feliz que tenhamos conseguido colocar, em pouco tempo, 11 milhões de famílias para receber o Bolsa Família. E se a gente for pesquisar, a gente vai perceber que tem gente nos grotões das cidades brasileiras que o Bolsa Família ainda não atinge. Muitas vezes eu penso que é mais fácil para as pessoas que cadastraram, cadastrar no perímetro urbano da cidade, do que percorrer um município grande, ir lá no fim daquele município procurar alguém pobre para colocar no Bolsa Família. Eu espero que o Territórios faça essa complementação e que a gente consiga, definitivamente, fazer com que essa gente tenha vez no nosso País.

Uma vez eu estava no estado do Acre e o nosso companheiro Jorge Viana me disse uma frase que eu guardei para o resto da vida. Ele dizia assim: “dinheiro, mesmo que pouco, na mão de muitos significa distribuição de riqueza. Muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de riqueza.” E o Territórios da Cidadania é isso, é colocar, mesmo que pouco, é fazer com que o dinheiro se espraie por todos os 190 milhões de brasileiros, por todos os lares dos grotões e sertões brasileiros, para que as pessoas sintam prazer de



que o Estado brasileiro está cumprindo com a sua parte.

Esta semana, para felicidade da Dilma Rousseff, para felicidade da equipe dela e para felicidade dos ministros, eu começo a viajar, na quinta-feira eu vou para Quixadá, por conta do Territórios da Cidadania lá da região. Mas esta semana nós vamos começar a viajar para outros lugares do País, por conta do PAC.

Na semana que vem, Dilma, vou fazer questão de te levar para o começo das obras lá no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em Manguinhos e na Favela da Rocinha. Aquelas pessoas vão perceber que vale a pena acreditar que o Estado brasileiro, se trabalhar de forma republicana, Téo, sem preconceito, e envolver os outros entes federativos, a gente pode fazer muito mais do que já foi feito em qualquer outro momento da história deste País.

Eu queria, Guilherme, dizer para você que este é um dia histórico. Nós estamos lançando aqui... Certamente, você não vai gostar, durante a semana, algumas críticas de que não vai dar certo. Nós estamos acostumados com isso. Quando as coisas dão errado, a culpa é do governo, quando dão certo é da sorte. É uma coisa meio inacreditável. O que me dá otimismo é que eu acredito demasiadamente na inteligência do povo brasileiro, para saber distinguir o que é boa fé e o que é má fé.

De uns tempos para cá, eu venho analisando o que está acontecendo com o Brasil, eu não sei se vocês sentiram o orgulho que eu senti na semana passada. O Brasil deixar de ser devedor e virar credor internacional, para quem chegou ao governo como nós chegamos, que a gente não tinha crédito nem para pagar as nossas importações... Eu acredito que todos nós temos competência, mas precisou uma ajudazinha de Deus para que as coisas pudessem dar certo. Eu não conheço ninguém que vença na vida se não tiver sorte, não conheço. E eu espero que o nosso governo continue com sorte, e muita sorte.

Os governadores, minha cara Roseana, são testemunhas da lealdade



com que nós temos nos relacionado. Eu nunca perguntei para o Téo de que partido ele era, como nunca perguntei para um prefeito de que partido é. Nunca perguntei porque não é assim que o Estado republicano se relaciona com outro ente federativo. Nunca perguntei, e os governadores sabem. O Téo que não pense que a gente o trata bem porque ele é do Nordeste, é de Alagoas. Tratamos o Aécio do mesmo jeito, tratamos a governadora do Rio Grande do Sul do mesmo jeito, tratamos o Cássio Cunha Lima, da Paraíba, do mesmo jeito, tratamos o Serra do mesmo jeito, porque São Paulo é apenas um filho mais robusto da pátria chamada Brasil e a gente não pode tratá-lo diferente.

Imaginem que apenas uns poucos, não são muitos não, uns poucos, estão bem localizados, todo mundo sabe, os senadores sabem onde estão, a Câmara sabe onde estão, uns poucos continuam teimando e continuam torcendo para que as coisas não dêem certo. Eu fico imaginando quando essas pessoas assistem o noticiário e percebem que as coisas estão dando certo. Alguns se incomodam até por que esses ministros viajam tanto. Vocês têm que viajar, porque se ficarem em Brasília, é uma desgraceira só, tem que viajar o Brasil. Os problemas estão no Brasil e a solução está indo lá. A parte administrativa nós temos que cuidar, mas todo mundo sabe que se a gente quiser mapear e resolver o problema, a gente tem que viajar este País. Não é hábito, no Brasil, o governante viajar o Brasil. Conta-se nos dedos quantas pessoas viajaram este País, ao longo de tantos e tantos anos. Talvez, o marechal Rondon, que não foi presidente, foi o que mais viajou por conta de colocar os telégrafos neste País.

Nós temos que aproveitar este momento. Cada ministro sabe o que fez, cada ministro sabe a proposta que já apresentou, cada governador sabe o que está acontecendo no seu estado, de programas sociais, em parceria, muitas vezes entre o governo municipal, o governo estadual e o governo federal. E é assim que nós queremos construir esses próximos três anos, para ver, se quando sairmos daqui, o País tenha uma política social consolidada que



obrigue, do ponto de vista político, moral e econômico, que qualquer governante dê seqüência a essas políticas sociais.

Vejam que coisa inédita. Estamos fazendo uma política tributária que, esta semana, vamos dar entrada no Congresso Nacional. Já tivemos uma conversa com os governadores, já tivemos conversas com líderes. Hoje vamos ter uma conversa com os dirigentes sindicais. Onde se imaginou, dirigente sindical participar de discussão de política tributária neste País? Vamos ouvir os dirigentes sindicais, vamos ouvir os empresários e, depois, vamos junto com os governadores, ou se não quiserem vir para não se comprometerem, vamos sozinhos, dar entrada nesse projeto de reforma tributária, para que a gente dote o País de uma política tributária capaz de permitir que nós sejamos competitivos, também, numa coisa que nos acusam muito, chamada Custo Brasil. Eu estou tão convencido de que o maior Custo Brasil que nós temos, não são os impostos que se cobra neste País. O maior Custo Brasil que nós temos foi um século de esquecimento do povo pobre deste País, sendo tratado como cidadãos de segunda categoria.

Eu estou vendo aqui, Requião, governadores do Nordeste. Durante grande parte da minha vida, na época da seca, o que a gente via? “Governadores contratam frente de trabalho.” O que era frente de trabalho? Os trabalhadores tiram pedra de um lado da rua e colocam do outro lado da estrada. Não podiam jogar fora porque na outra seca tinham que devolver as pedras. Quando nós tomamos posse, Requião, ganhavam 30 reais por mês para fazer isso. No Egito, dizem que tiveram mais destreza porque, dizem que as pirâmides, Gilberto Gil, foram por conta do desemprego. Nós não precisamos construir uma pirâmide porque já tem lá para a gente visitar. Agora, o que nós queremos construir é uma pirâmide menos desigual, uma pirâmide um pouco mais achatada, que não tenha uma ponta tão alta e a base tão sofrida aqui em baixo.

Essa política que o Cassel anunciou aqui, eu posso dizer para vocês que





é o segundo grande passo para a gente acabar com a pobreza. Não vou falar da economia, não vou falar do emprego, não vou falar das perspectivas do que vai acontecer. Este ano, vamos cumprir a meta, é ou não é Lobão, do Luz para Todos. Qual é o problema do Luz para Todos? O problema do Luz para Todos é que nós trabalhamos com o número do IBGE, que é a nossa referência. Mas na hora em que o nosso pessoal do Luz para Todos sai a campo, a gente percebe que tem muito mais gente sem luz do que o que está nas estatísticas do IBGE. Nós vamos atingir 2 milhões de famílias, que dá quase 10 milhões de pessoas, e nós já descobrimos mais 1,7 milhão pessoas que não têm luz, portanto é mais um compromisso, até 2010, para a gente acabar com tudo isso.

Dessa forma, eu penso, Guilherme, que você só tem que estabelecer uma boa relação com os governadores, uma boa relação com os prefeitos, criar as condições para a sociedade fiscalizar e eu tenho certeza de que em 2010 nós estaremos com os 120 territórios organizados e o povo mais pobre do País, certamente, um pouco melhor do que está hoje.

Quero agradecer a presença dos ministros, cada um tem compromisso com o Guilherme Cassel, cada um assinou um pedacinho de compromisso. Quero agradecer aos governadores, que são parceiros e também têm compromisso. Quero agradecer aos prefeitos, que têm parceiros e também têm compromisso. E quero pedir ao Senado e à Câmara que na hora em que as coisas forem chegando lá para votar, que dizem respeito ao Territórios, que a gente vote, porque o Brasil depende disso para se transformar nessa grande nação que todos nós sonhamos.

Um abraço, boa sorte e parabéns, Guilherme, a você e à sua equipe.

(\$211A)